



## **“Cibercultura de bolso” ou convergência cultural? Revisão de perspectivas acerca do (web)jornalismo de Belém-PA<sup>1</sup>**

Diogo Silva Miranda de MIRANDA<sup>2</sup>  
GEDAI<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### **RESUMO**

Este trabalho se propõe a rever algumas perspectivas conceituais, análises e interpretações dos fenômenos sociais apresentados pelo autor acerca de suas compreensões dos processos de comunicação na sociedade contemporânea e, também, da atividade prática do jornalismo desenvolvido em Belém do Pará. Diante do exercício da pesquisa de mestrado, as considerações tecidas por ele a partir dos estudos realizados em especialização apresentam um panorama complexo, mas que não pôde ser observado em profundidade. Assim, este texto é um exercício inicial de rever esses horizontes abertos acerca da relação entre os profissionais do jornalismo e os diferentes usos das novas interfaces de acesso ao ciberespaço nesse cenário atual, e que ainda precisam ser investigados mais intensamente.

**Palavras-chave:** comunicação; cibercultura; convergência cultural; webjornalismo; Amazônia.

### **(Re)Introdução: ou o porquê de se refazer alguns percursos**

O ciberespaço. Uma alucinação consensual, vivida diariamente por bilhões de operadores legítimos, em todas as nações, por crianças a quem estão ensinando conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas que abrangem o universo não-espaço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. Como luzes de cidade, retrocedendo (GIBSON, 2002, p. 53).

A exemplo do autor que marcou o gênero cyberpunk, a literatura pode apresentar na ficção indícios da expectativa da sociedade acerca do desenvolvimento tecnológico de seu tempo. É possível perceber isso nos textos de Júlio Verne, por exemplo, que traziam para o imaginário da época a materialização dos submarinos, dos foguetes espaciais etc. Quando William Gibson e outros autores escreviam sobre o futuro da humanidade, sua imbricada relação com as tecnologias e a existência de um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet, do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Jornalista. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom-UFGA). e-mail: [diogo.sm2@gmail.com](mailto:diogo.sm2@gmail.com).

<sup>3</sup> Grupo de Estudo Mediações, Discurso e Sociedades Amazônicas (UFGA).



“espaço virtual” simultâneo à realidade, provavelmente não imaginaram que suas obras seriam enredo para o cotidiano contemporâneo.

Hoje, a sociedade vive esse “universo paralelo”, no qual muitas vezes a informação tem valor comercial e representa poder e a cibercultura está materialmente presente no dia a dia de todos. O ciberespaço não é mais objeto de ficção. É realidade construída a partir dos diferentes desenvolvimentos tecnológicos que se iniciaram em meados dos anos 1940, com a construção dos microcomputadores, do desenvolvimento das redes de informação a partir dos anos 1960, e da popularização mundial da web a partir dos anos 1990 (LÉVY, 1999).

Materializado na internet, o virtual profetizado pela literatura está em constante crescimento e expansão de seus canais e de suas interfaces de acesso à rede (LÉVY, 1999). Os desdobramentos socioculturais que esses acontecimentos proporcionaram ao mundo reverberam até o momento presente da história da humanidade (LEMOS, 2010) e interliga cada vez mais o concreto – aquilo que é do campo físico, dos átomos – e o virtual – ou melhor, o digital – e esmaece o limite de suas fronteiras (LÉVY, 1999; LEMOS, 2010).

Contudo, seria leviano supor que suas dinâmicas continuam a acontecer da mesma maneira como no início dessa recente história da rede. O desenvolvimento da internet e dessa cibercultura é intensamente marcado pelas transformações nos usos sociais das diferentes tecnologias de acesso ao ciberespaço. Este é um objeto que permanece num estado de constante atualização, o que exige a constante observação e renovação de suas teorias (LÉVY, 1999; WOLTON, 2007). E, nesse sentido, é possível perceber que os mais recentes instrumentos, marcados principalmente pela mobilidade, têm novamente provocado mudanças no funcionamento da sociedade e acometidos novos desafios e oportunidades aos hábitos sociais (PELLANDA, 2009).

A partir dessas questões, indago: quais os reflexos desses acontecimentos sobre a atividade jornalística, sobretudo em um lugar tão particular, como a cidade de Belém, no Estado do Pará? Ao apresentar este texto, meu objetivo é revisar a observação das materialidades coletadas e as interpretações realizadas por mim, que foram apresentadas anteriormente (MIRANDA, 2012). O primeiro exercício foi o resultado de muitas indagações que surgiram ao longo da especialização em jornalismo digital. Contudo, o aprofundamento de algumas questões no trajeto de mestrado me possibilitou rever alguns argumentos levantados de maneira mais rigorosa e isso descortinou muitas perspectivas novas e que me puseram a reavaliar meus argumentos.



## **Sociedade e internet: existem “revoluções”?**

Ainda hoje, é comum ouvir a expressão “revolução da informação” ser utilizada para descrever os processos pelos quais a sociedade ocidental contemporânea passou e ainda passa, desde o final do milênio passado e, principalmente, neste início do século XXI. As inovações tecnológicas parecem acelerar as dinâmicas sociais e o ritmo da vida nas cidades e nas culturas globalizadas deste período. Parece-se viver uma dinâmica de contínua “adaptação” das práticas sociais e culturais cotidianas a lógica imposta pelas regras dos aparatos técnicos. Como afirma Sevckenko (2001), a humanidade permanece “atordoada” diante das inúmeras “revoluções”: estaríamos em uma montanha russa, em um *looping* e estaríamos procurando desesperadamente acompanhar as mudanças técnico-científicas, enquanto ainda não se percebeu todas as possibilidades que outras mudanças já proporcionaram.

Falar de internet, ciberespaço e cibercultura é, de alguma maneira, recair sobre certos aspectos tecnológicos da vida em sociedade. Entretanto, penso que inevitavelmente isso também significa visualizar um “(...) conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17). Se observadas as bases de sua formação, é possível perceber que a rede – e todo o seu potencial comunicativo – ganha relevância em sociedade pela apropriação que os movimentos sociais fazem de suas possibilidades. De maneira geral, a cultura está no alicerce de seu estabelecimento, é elemento básico para a consolidação de sua relevância entre as diversas sociedades atuais (LÉVY, 1999; LEMOS, 2010).

Apesar do termo “revolução” atribuir um sentido de grandes mudanças nas estruturas sociais a partir das inovações tecnológicas, não há mudanças estruturais na organização da sociedade. Em se tratando de novas tecnologias de comunicação, o advento dos novos instrumentos apenas aperfeiçoaram questões como interatividade e multimídia. Em suma, entendo não haver “revoluções”, mas uma agilização das mesmas ferramentas de comunicação que já existiam (MIRANDA, 2012).

(...) não se trata exatamente de descobertas linearmente inovadoras, e sim da maturação tecnológica do avanço científico, que resulta em hibridização e rotinização dos processos de trabalho e recursos técnicos já existentes sob outras formas (telefonia, televisão, computação) há algum tempo. Hibridizam-se igualmente as velhas formações discursivas (texto, som, imagem), dando margem ao aparecimento do que se tem chamado de hipertexto ou hipermídia (SODRÉ, 2009, p. 13)



Em um primeiro momento – talvez guiado mais pelo olhar jornalístico do que propriamente pelo pensamento acadêmico – enxergava o momento presente como um desdobramento de uma série de transformações sociais e tecnológicas, que estabeleciam novas dinâmicas a partir das novas interfaces que chegavam ao mercado, como *smartphones*, *tablets* e o *Google glass* (MIRANDA, 2012). Apontava a “web 2.0” como um ambiente em expansão, diante de sua natureza emergente, orgânica e social e enxergava sua “revolução” na capacidade de armazenar e transferir dados em tamanha velocidade, capaz de anular a barreira física espaço-tempo: “Se a [revolução] Industrial centrou-se na mobilidade espacial, a da Informação centra-se na virtual anulação do espaço pelo tempo, gerando novos canais de distribuição de bens e a ilusão da ubiquidade humana” (SODRÉ, 2010, p. 14).

Para mim, essa “revolução” se materializava no crescimento exponencial do mercado de telecomunicações que ao longo dos últimos anos – e à época desse levantamento – evidenciava cada vez mais presença da telefonia móvel em todos os setores sociais, incluindo as camadas mais populares, e, mais recentemente, assistia ao aumento pela procura dos telefones inteligentes<sup>4</sup>. Percebia a materialização dessa dinâmica a partir de diferentes sites de notícias, que demonstravam o crescimento de mais de 90% do setor entre os anos de 2009 e 2010, alcançando a média de 293 milhões de *smartphones* comercializados no mundo inteiro, que apresentavam como o Brasil acompanhava esse crescimento e, entre os países da América do Sul, apresentava o maior índice de acesso à internet (MIRANDA, 2012).

Assim, enxergava a “revolução” pelas possibilidades que existiam de participação no ciberespaço a partir das tecnologias móveis, de seus valores mais acessíveis que os microcomputadores, do barateamento dos planos de telefonia móvel etc (PELLANDA, 2009). Eu percebia um cenário que poderia analisar a partir das tecnologias móveis. De certa forma, eu homogeneizava a maneira de interpretar o mundo e não era capaz de identificar questões que se estabelecem nessas dinâmicas e que particularizam os fenômenos comunicativos em sociedade.

Hoje, verifico que a chave para analisar essas “revoluções”, esses fenômenos que se materializam em sociedade está no entendimento do uso social que cada sujeito e

---

<sup>4</sup> Em linhas gerais, os *smartphones*, ou telefones inteligentes, designam aparelhos que possuem características semelhantes a um computador: pode-se acessar a internet, fazer *downloads* e *uploads* de diversos tipos de documentos, instalar e desinstalar programas, fotografar, filmar e editar conteúdos no próprio aparelho, ouvir música, etc. É difícil precisar uma data de origem, mas sabe-se eles vêm compilando diversas funções de diferentes aparelhos como agendas eletrônicas, *palm*s e PDAs, desde os anos 1990 e a cada ano vem se popularizando ainda mais (MORINOTO, 2009).



em cada cultura específica atribui às diferentes tecnologias (MARTÍN-BARBERO, 2004). Em linhas gerais, é preciso compreender há diferenças na maneira de participar da internet, dos usos dos *smartphones*, das “revoluções” tecnológicas e isso reflete diretamente na maneira como cada um passa a experienciar o contato com o ciberespaço.

Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros (JENKINS, 2012, p. 30).

No exercício do mestrado, pude perceber as limitações dessa primeira percepção de mundo (MIRANDA, 2014). É preciso ter sempre em vista que mesmo o ciberespaço não está alheio às relações de poder. Antes de mais nada, as diferentes tecnologias são a materialização de determinadas culturas e práticas sociais que se materializam em outros contextos sociais (MARTÍN-BARBERO, 2004). Ou seja, existe uma questão de disputa ideológica nessas tecnologias, sua presença em diferentes lugares do mundo não é livre e tão pouco sem intenção, mas se trata de uma relação de dominação que pouco percebemos, mas que se materializa quando atribuímos qualquer desenvolvimento em sociedade ao sucesso das tecnologias.

Assim, é possível verificar que a “revolução” – se é possível dizer que há alguma – está na maneira como nos relacionamos com essas tecnologias no dia a dia, como nos apropriamos delas para subverter seu uso de acordo com as questões locais, a partir dos contextos socioculturais específicos. A “revolução” está em como ressignificamos o uso das TICs e, apesar de nos submetemos a sua dominação ideológica-cultural, as utilizamos a partir das necessidades específicas de cada lugar, usamos táticas para ressignificar seu uso social (CERTEAU, 1998).

### **A “cibercultura de bolso” como questão de convergência cultural**

Em um primeiro momento, eu valorizava uma “cibercultura de bolso”, uma perspectiva pessoal que detinha o olhar sobre um gênero associado ao aumento do acesso ao ciberespaço por meio de tecnologias cada vez mais portáteis, móveis, “de bolso” (como celulares e *smartphones*, *notebooks*, *netbooks*, *tablets* etc), pelo barateamento de planos de acesso à web e popularização de redes *wi-fi* e pela constante inovação tecnológica de aparelhos cada vez mais pensados para essa realidade.



Entretanto, hoje, verifico que o alcance dessa pretenciosa suposição não é capaz de compreender processos mais complexos que se materializam na sociedade contemporânea.

Compreender esse cenário significa perceber que a cultura contemporânea passa por um processo de convergência, no qual está se modificando a maneira como cada um se relaciona com os produtos midiáticos em cenário global: hoje, não se assiste mais a programas de TV apenas ou se ouve a rádio, lê-se o jornal e se navega na web, hoje nos relacionamos com os conteúdos em um fluxo que atravessa todas as plataformas midiáticas.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2012, p. 29).

Em suma, o que consigo perceber é que cada vez mais há uma complementaridade na maneira como se utilizam as diferentes mídias na atualidade e, nesse sentido, é difícil pensar em uma “cibercultura de bolso” – e, até mesmo, em uma cibercultura. A convergência cultural tem aproximado o uso por meio das diferentes plataformas e isso tem tornado difícil enxergar as fronteiras entre uma mídia e outra. Apesar do exercício da especialização se deter sobre o campo de produção jornalística para a web, as pistas iniciais desse horizonte surgiram ao observar minha experiência pessoal de trabalho em redações de televisão.

Acredito que – ainda que de maneira experimental – eu realizava um exercício cartográfico e permitia que a minha experiência pessoal constituísse como elemento fundamental para a observação do fenômeno e a participação em seu acontecimento (MARTÍN-BARBERO, 2004). Ao identificar o uso dos *smartphones* nas redações jornalísticas como instrumentos que auxiliavam o exercício da atividade profissional, percebia empiricamente a convergência entre a mídia televisiva e a rede mundial de computadores: a prática de apuração e produção de textos de off muitas vezes eram auxiliadas pela coletas de informação na rede pelos repórteres, pelo registros visuais feitos pela população etc.

Então, como pensar a atividade jornalística e webjornalística nesse cenário contemporâneo? É possível pensar em atividades separadas, em uma cibercultura que se



diferencia da cultura das mídias ditas massivas, isto é que emitem conteúdos a uma grande pluralidade de públicos diferentes (THOMPSON, 2008)?

Acredito que não se trate mais apenas de perceber uma produção jornalística voltadas a fins específicos. Não se trata mais de pensar a profissão a partir dessa nova fase da web – 1.0, 2.0 ou até 3.0 – e a atuação em plataformas cada vez mais fáceis de utilização e que permitam a construção colaborativa dos conteúdos informacionais, que se adeque a participação do usuário. O que percebo é a construção de um ambiente de convergência, cada vez mais multimidiático, onde o uso dos meios está associado à interação social, a “natureza comunicativa” (FRANÇA, 2001) do fenômeno que a internet possibilita: se assiste TV, mas a interação reverbera e continua a se desdobrar com a leitura de outros conteúdos online, debates em mídias sociais, se replica, remixa e produz novos produtos midiáticos e se estabelece novas relações.

Dessa forma, é possível perceber que a percepção de uma possível unimídia que era a expectativa de alguns anos atrás passa a se ressignificar e, hoje, se observa cada vez mais uma vivência por múltiplas plataformas. Mesmo os *smartphones*, que poderiam representar a consolidação da cibercultura em detrimento das interações mediadas pelos meios massivos, parecem se apresentar muito mais como uma entre muitas plataformas para se participar da convergência cultural (JENKINS, 2012).

### **A prática (web)jornalística em Belém: uma questão na e da Amazônia**

Em se tratando de uma realidade amazônica, com uma complexidade de realidades e dinâmicas sociais próprias que se configuram dentro de seu espaço, existe uma necessidade real de aprofundamento da questão. Observar as questões locais, mais do que permitir compreender as novas dinâmicas da prática jornalística para web, revelam o processo de convergência cultural pela qual o fazer jornalístico em Belém parece atravessar.

Produtores de conteúdos para os portais noticiosos de Belém demonstram que, hoje, a população possui um contato muito maior com as redações graças a popularização das ferramentas.

Não é só por telefone, mas eles participam diretamente conosco. Por foto, por filmes gravados em celular. Hoje, a gente tem uma rotina de ficar monitorando o Twitter para ver o que de factual acontece, se tem foto. Caso seja relevante, a gente publica e coloca os créditos de cada internauta. Mas é nítido que, com essa popularização dos *smartphones*, há um acesso maior dos internautas ao



portal. Até pela praticidade de poderem acessar a página de qualquer lugar (COSTA, 2012).

Agora a pessoa filma e registra com fotos, de momentos corriqueiros até grandes acontecimentos e tudo pode ser disponibilizado na web. É possível gravar entrevistas, vídeos com o aparelho. Isso facilita muito o dia-a-dia da produção de conteúdo nas redações (BAZZONI, 2012).

Apesar dos relatos acima terem sido coletados com a intenção de observar o cenário de produção jornalística de um veículo voltado para a web. Ele exemplifica um acontecimento comum a todas as redações da cidade de maneira geral. Não apenas usuários comuns, mas os próprios agentes envolvidos com a atividade do jornalismo diário tem realmente mudado sua forma de produzir conteúdos diante das novas ferramentas e da acessibilidade da população a aparatos portáteis.

De qualquer forma, preciso destacar que, em algumas entrevistas, muitos jornalistas se posicionaram reconhecendo que o jornalismo produzido em Belém ainda é muito segmentado e, mesmo eles, não utilizam as diferentes ferramentas de forma a articular a produção entre as diferentes plataformas. É válido ressaltar que essa é uma consideração coletada à época da especialização e, talvez, hoje esse cenário seja diferente. Contudo, neste exercício, não tive o objetivo de avaliar algum conteúdo midiático para analisá-lo sistematicamente e tentar perceber esse processo empírico.

### **Repensar as considerações**

Assim, apesar de o primeiro exercício já ser a demonstração sucinta de algumas questões, acredito que para mim sua relevância está na possibilidade de enxergar novas dinâmicas sociais que estão cada vez mais incrementadas a atividade jornalística, não apenas a atividade voltada para a internet. E os *smartphones* são apenas uma peça dessa realidade da convergência cultural que, tantas vezes, é camuflada por jargões jornalísticos que se apropriaram de conceitos como web 2.0. Mesmo que ainda busquemos compreender o que exatamente é esse cenário, seu funcionamento está acontecendo dentro de nosso cotidiano.

Diante de um posicionamento aparentemente contraditório, suspeito que haja questões históricas envolvidas na prática jornalística desenvolvida em Belém e que, talvez, de alguma maneira, justifiquem essa dificuldade em produzir conteúdos dentro da convergência cultural. Empiricamente, observo que muitos jornalistas que afirmaram



não existir esse empenho em pensar produtos diferenciados parecem saber utilizar pessoalmente as ferramentas que os colocam nessa cultura convergente.

Contudo, se antes de tudo, a convergência é cultural e não tecnológica, talvez sejam os aspectos da cultura da cidade, que particularizam o processo, que justifiquem o porque dessa “dificuldade” em pensar a relação dos sujeitos nessa experiência que transita entre as diferentes tecnologias. Penso que seja necessário um esforço ainda maior para tentar identificar novas pistas e analisar materialidades empíricas.

De qualquer forma, acredito que observar esse cenário permita interpretar as questões dos usos e apropriações das tecnologias feitas pelos sujeitos em seu cotidiano. Em um cenário multifacetado como a cidade de Belém, é possível identificar que há inúmeras realidades de uso social das diferentes interfaces de acesso à web. E pensa a “cibercultura de bolso” dentro do processo de convergência significa realizar um recorte sobre essas práticas culturais e buscar perceber como os sujeitos desenvolvem as táticas do cotidiano para ressignificar as diferentes mídias e subverter a ordem e os sistemas de poder que se estabelecem.



## REFERÊNCIAS

BAZZONI, Ângela. Editora de conteúdo do portal Diário Online. **Entrevista concedida para uso de pesquisa**. Belém: Uninter, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer** (vol.1). 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

COSTA, Rafaela. Editora assistente do Portal ORM. **Entrevista concedida para uso de pesquisa**. Belém: Uninter, 2012.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? In **Compós 2001 - X COMPÓS**, Brasília, DF [Anais]. Brasília, DF: Compós, 2001.

GIBSON, William. **Neuromancer**. 4. Ed. São Paulo: Editora Aleph, 2008. Disponível em: [http://www.4shared.com/document/ORGgN\\_G5/William\\_Gibson\\_-\\_Neuromancer.html](http://www.4shared.com/document/ORGgN_G5/William_Gibson_-_Neuromancer.html) (Acesso em abril de 2009).

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª edição. 2ª Reimpressão. São Paulo: Aleph, 2012.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MIRANDA, Diogo S. M. **Palafitas didítas: comunicação, convergência cultural e relações de poder em Afuá**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Belém: UFPA, 2014.

MIRANDA, Diogo Silva Miranda de. Cibercultura de Bolso: Processos Jornalísticos e a Notícia ao Alcance dos Dedos. In BARBOSA, Marialva Carlos; et al. **Anais do XI Congresso de Comunicação da Região Norte**, 17 a 19 de maio de 2012. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/resumos/R29-0049-1.pdf> (Acesso em maio de 2012).

MORINOTO, Carlos E. **Smartphones: guia prático**. Porto Alegre: Sul Editores, 2009. Disponível em: <http://www.hardware.com.br/livros/smartphones/> (Acesso em outubro de 2011).

PELLANDA, Eduardo Campos. Comunicação móvel no contexto brasileiro. In LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Orgs). **Comunicação e Mobilidade: Aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. 2ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.